

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA

SEMANARIO

HUMORISTICO

Associação Literária de
ARNALDO LEITE
CARVALHO BARBOZA
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director artístico e Secretário da Redacção
OCTAVIO SÉRGIO

OCTAVIO SÉRGIO

O BOATO



Bocarra aberta como um vulcão, o boato vomita o fogo das mais várias opiniões, arrasando montanhas e rochedos.

Propriedade da Empresa do Magazine "Civilização" L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.^o
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO

N.º 4 Pôrto, 14 de Maio de 1932 Ano I



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

A
ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

É para o POVO a garantia de que
bebe bons VINHOS e baratos!!!

Tem actualmente espalhadas no Pôrto, na Foz e em Matozinhos

14 ADEGAS:

Rua do Bomjardim, 361-363 (Esq. da Trav. de Liceiras). Te'ef. 5617.
Rua das Fontainhas, 193-195.
Rua do Teatro de S. João, 91 (Vulgo Cima de Vila).
Rua de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristovam). Te'ef. 5802.
Rua da Constituição, 1395.
Rua de S. Roque da Lameira, 2785.
Avenida Fernão de Magalhães, 53-55. Ue'ef. 2484.
Largo Campo Martires da Pátria, 54-55 (Vulgo Cordoaria).
Largo Maternidade Julio Diniz, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno).
Travessa da Bainharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores). Telef. 935.
Rua Anselmo Braancamp, 633.
Largo de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7.

Na FOZ — Rua Senhora da Luz, 238-242. Te'ef. 314—FOZ.

Em MATOZINHOS — Rua Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da
da Avenida Serpa Pinto). Telef. 275 — MATOZINHOS.

Comprar vinhos na ADEGA IDEAL DO LAVRADOR
é economizar e conservar a saúde!!!

Vinhos velhos do Pôrto, genuínos,
a preços que todos podem comprar!

A marca de combate AIDINHA
de vinho autêntico velho do Porto!

Se algum dia a

MARIA RITA

mudar a sua característica toi-
lete, irá fazê-lo de-certo na céle-
bre casa de modas

Albano Ramos Pais

NA

Rua de Sá da Bandeira

e ficará na Última Moda

Deus dá a Sorte...

... mas é a quem na merece.
E só merece a sorte aquele
que comprar lotaria na

Agência de Publicações

DA

Praça da Liberdade

garantimos a V. Ex.^a que é desta
casa que a Maria Rita se for-
nece de Lotarias.

INVICTA RÁDIO

Rua de Santa Catarina — PORTO

Representantes do grande re-
ceptor americano

ZENITH

e do pequeno

ZANETE

que é quási tão grande como o
outro porque os aparelhos não
se medem aos palmos.

Visitem os Stands da Invicta Rádio



Factos e prestações

Crónica anacrónica

A polícia de Chicago, para capturar certa associação de bandidos, pôs em prática um processo interessante: injectar, por baixo da porta que dava para a sala onde os facínoras se encontravam reunidos, uma boa quantidade de gases asfixiantes. Depois, os agentes, munidos de máscaras protectoras, arrombaram a fechadura, penetraram no aposento e prenderam os honrados malfeitores, atordoados pelos gases.

Estes é que podem dizer-se, com justeza e etimologia, — gasofilados.

*

O Governo de Madrid proibiu a entrada em Espanha de gado e coiros portuguesas, alegando que as autoridades do nosso País não davam informações precisas sobre o seu estado sanitário.

Não faz sentido esta diversidade de tratamento. Nós há muitos anos que admitimos em Portugal gado e coiros espanhóis, sem lhes perguntarmos pelo seu estado de saúde.

Ou quer, porventura, o Governo madrileno que os bois portugueses se apresentem na fronteira munidos de passaporte, com o respectivo retrato, impressões digitais e todos os sinais particulares, mais a certidão de revacina e o atestado de possuírem a robustez necessária para serem imolados no matadouro?

*

Faleceu há tempos um notário da Maia, tendo-se evaporado uma porção de títulos ao portador que êle possuía.

Foi o caso denunciado à polícia, que andava em investigações quando um sacerdote se lhe apresentou, com a papelada desaparecida. Interrogado, declarou que os títulos roubados lhe tinham sido entregues sob sigilo de confissão.

Assoem-se a êste guardanapo os hereges que afirmam a inutilidade do confessorário. Estou em crer, até, que seria de grande vantagem que a cada commissariado de polícia estivesse adjunto — um capelão.

*

Os senhores já repararam num factio curioso? Peguem em qualquer jornal, olhem para a página dos anúncios e logo notarão colunas e colunas subordinadas à etiqueta *Vende-se*. Quanto ao *Compra-se*, meia dúzia de linhas apenas. E a mercadoria solicitada é somente ouro velho.

Publicidade inútil, afinal de contas; porque

já ninguém tem hoje dinheiro para comprar, nem ouro para vender.

*

Consociou-se em Lisboa o sr. António Fogoso com a sr.^a D. Julieta Frias.

Há tempos, matrimoniaram-se no Alentejo um tal José Mexia com a menina Maria Parada. Agora, na capital, casa um Fogoso com uma Frias.

Dois divórcios em perspectiva, — por incompatibilidade de génios.

*

De um jornal portuense:

Aposentos, para pouca permanência, precisa-os um cavalheiro, etc.

Aposentos? No plural? Será tanta a afluência de visitantes? Mas, nesse caso, seria melhor



fazer como nos consultórios: um gabinete de trabalho e uma sala de espera.

*

O Tribunal da Relação de Nápoles absolveu três cirurgiões de esta cidade italiana, acusados de terem operado pelo método Voronoff um rico sul-americano, tendo por dador — como agora se diz — um jovem egípcio. No entender dos juizes, não houve delito.

E' claro que não. Houve apenas um contrato tri-lateral em que todos ganharam: o americano, que pagou principescamente, mas lucrou o rejuvenescimento; os operadores, que cobraram os seus honorários; e o egípcio, que arranjou uma fonte de receita eliminando uma fonte de despesa.

*

Um jornalista que conseguiu falar com a pseudo-estigmatizada de Lamego, afirma que

ela é pouco inteligente e revela uma mentalidade atrasada.

Protestamos contra o primeiro destes asser-tos. Não pode deixar de ser inteligente uma criatura que, durante duas semanas, conseguiu iludir os olhos de Argus da imprensa. Mas acreditamos que ela, de facto, ande atrasada. Se assim não fôsse, em vez de uma navalha de barba para abrir as feridas, teria usado — uma *gilette*.

*

Foi preso na capital um caixeiro, por ter seduzido uma menor a quem faltavam apenas quinze dias para atingir a maioridade.

Isto é que se chama sofrer um grande prejuízo por não saber esperar.

E Guerra Junqueiro a dizer-nos que

.....se a mulher é bela,
não faz ao caso a certidão de idade!

A prova de que faz, é que o caixeiro foi preso.

...Por onde se demonstra que Junqueiro, com ser formado em Direito, era melhor poeta que jurista.

*

— Reparaste que no dia 9 de Abril andavam muito poucas mulheres na rua?

— Claro! Para não serem obrigadas aos dois minutos de silêncio.

*

— Admira-me que a sua filha não tenha casado ainda, minha senhora.

— Não tem sido por falta de pretendentes. Mas é tanta a doçura dos seus olhares e dos seus beijos, que todos os noivos lhe morrem diabéticos.

Marcial JORDÃO.



O conselheiro Morais
Pessoa mui respeitável,
Acha muito agradável
Dar passeios matinais
Lá p'ros lados dos Guindais.

Nada tem de censurável.

Num certo dia de verão
Chegou-se a êle um garoto,
Atrevido, quási roto,
E tomando um ar pimpão
Falou-lhe neste teor:

— O senhor
Faz o favor
De me dizer que horas são?

O conselheiro Morais,
Mal humorado, já farto
De impertinências iguais,
Pelo relógio puxou
E gritou:

— Dez horas menos um quarto!

— Ai, falta um quarto p'rás dez?
Lhe disse, em falas espertas
O garoto, aos tagatés,
Pois então dou-lhe licença
Para até às dez bem certas
Poder meter-me o nariz...
(Em sítio que se não diz)
E fugiu sem mais detença,
A correr, de asas nos pés.

Bufando como um leão,
O conselheiro, raivoso,
Larga atrás do garotão,
A correr. Vai desejoso
Por lhe dar uma lição.
Mas um polícia ladino,
Vendo assim o desatino
Dum cavalheiro tão fino
Querer na rua apanhar
Um petiz, manda-o parar.

— O que temos? — perguntou,
Porque tão doido deitou
Atrás daquele miúdo?
O conselheiro, sisudo,
Mal represando o despeito
Que lhe ia dentro do peito,
Desabafou: — Quer saber?
Disse-me aquele petiz
Que vê além, a correr,
Que até às dez, eu podia,
Introduzir-lhe o nariz...
Num sítio que é porcaria.

O guarda consulta as horas,
E em palavras sonoras,
Para êle, assim se expressa:
— Neste relógio que é um brinco,
São dez horas menos cinco.
Não tenha, pois, tanta pressa.
E confiando o bigode
Com gestos finos, astutos:
Tem inda cinco minutos.
Indo mesmo de-vagar,
O senhor pode
O garotelho agarrar.

Dr. KNOX.

NATALINO

MARIA RITA começa hoje gostosamente a dar à estampa bonecos de Natalino, nome de um jovem caricaturista da capital, que quis honrar-nos com a sua colaboração.

Pelo que publicamos hoje, podem os leitores verificar que se trata de alguém que possui real talento para a síntese caricatural.

Bemvindo seja, pois, o, desde já, querido camarada.

FIAT LUX!

A PRIMEIRA EXPOSIÇÃO DA LUZ E DO SOM
NA NAVE CENTRAL DO PALÁCIO DE CRISTAL

O stand da MARIA RITA

A MARIA RITA, é daquelas tripeirinhas que não esquece nunca a sua terra. E quando soube que ia haver uma enormíssima exposição do Som e da Luz, com montagem eléctrica expressamente importada a bordo dum vapor especialmente fretado pela comissão organizadora, não hesitou um só momento. Deu a sua adesão incondicional, e em vez de alugar um único compartimento para mostrar os seus produtos, mandou marcar logo dois. Nós somos assim: só com dois num, nos contentamos.

Visitem os Stands da MARIA RITA na exposição da Luz e do Som!...

Damos em seguida uma resenha dos nossos stands:

No da Luz expomos:

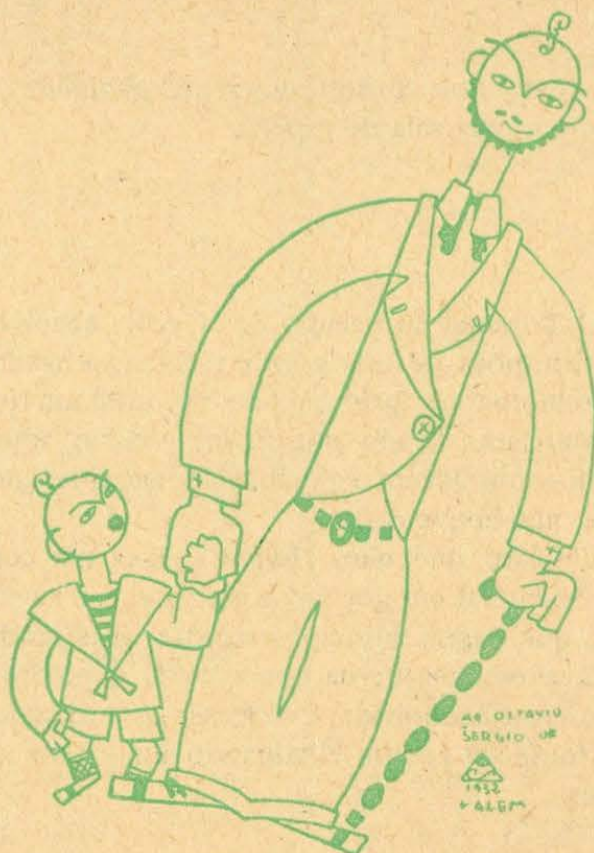
- O Lampeão em tamanho natural.
- A Lanterna de Diógenes.
- A Hortense Luz.
- Um candieiro de azeite com três bicos de bico amarelo.
- O farol da Foz, quási despido.
- Uma lanterna mágica onde se vê o carácter de cada um.

- Uma *lamparina* ao natural, esplêndida para se verem as estrêlas.
- A Maria da Luz.
- Um eclipse do sol.
- Vistas a olho nu.
- Um fósforo de espera galego.
- Iluminação a copinhos e foguetes de três estalos.
- Velas para tôdas as procissões.

No do Som:

- Um gramofone de carregar pela bôca.
- Um fado da Maria Alice.
- Um ruído comprometedor.
- Um discurso do sr. Teixeira Rêgo.
- Espirros, tosses e mais necessidades.
- Palavrões para carros eléctricos.
- Um aparelho de T. S. F. daqueles de entrar por um ouvido e sair pela janela não tarda aí uma estação.
- Um minuete de Chopin.
- Sons que passam.
- Um soneto da sr.^a D. Virgínia Vitorino, cúmplice dos degredados.
- Um grito subversivo.
- (Distribuem-se bombas a todos os visitantes).

Dá esperanças



— Tu o que queres ser quando fores homem?

— Manicure.

Distinção

Concluiu ontem o curso de Medicina com a alta classificação de 20 valores, o nosso jovem amigo José Burro, natural de Palhavã.

Vê-se agora, afinal, que não foi vã a palha que alimentou o precioso estudante.

O novo médico recebeu um telegrama do grande médico alemão, estilo suíço, *Dr. Cristianung Von Moraesig*, que entre outras coisas, dizia:

Sim senhor, é dessa massa que nós nos fazemos!





NAS BOCAS DO MUNDO

AVISO

Não se tendo realizado por falta de número (razão tinha o Vítor França) a segunda reunião preparatória do congresso de Radiotelefonía, que estava marcada para a pretérita quinta-feira nas nossas salas redactorias, não podemos por esta razão relatar o que se lá passou.

Lamentamos sinceramente o facto, que além de nos fazer passar uma alegre noite com uma *menina sem decôro*, em muito contribuiu para que os ilustres técnicos radiófilos tivessem mais oito dias para prepararem os seus trabalhos a apresentar ao congresso.

Em face do que expomos e em sinal de sentimento pelo número que não compareceu (foi o 7) a orquestra da nossa estação vai radiar um nocturno tocado por pretos, para parecer mais nocturno ainda.

E' verdade: o nocturno é em dó, que também é sinal de preto.

A MARIA RITA aproveita êste interregno para marcar a nova sessão espiritual para a próxima quinta-feira, e promete, para que ninguém falte a assunto tão elevado, um concurso de painelas.

Também aproveita a oportunidade para agradecer ao ilustre cronista das *Ondas de Rádio* as amáveis e imerecidas referências a esta secção.

Vamos iniciar a emissão: — Daqui, Pôsto Emissor MARIA RITA.
Começaremos pelas

NOTÍCIAS DA ÚLTIMA HORA

Sabemos de fonte autorizada que o Pôrto vai ter a sua sexta estação emissora. Não podemos ainda dizer qual o indicativo dessa nova estação; mas o que podemos afirmar é que, qualquer que seja o seu comprimento de onda ou intensidade, vai ser uma estação Forte. Também podemos garantir que é a primeira vez no mundo que se instala uma estação emissora de T. S. F. numa casa Forte.

O speaker deve ser com certeza o guarda da noite, e fica à prova de fogo.

Também soubemos por via autorizada que o eminente autor das *Ondas de Rádio* adquiriu o direito de radiar em sua casa. E depois digamos que não tínhamos razão de afirmar que êle

era um revolucionário civil!... Vai ter o seu pôsto na Rotunda... da Boavista.

Dizem também que uma deputação de telegrafistas da Boa Nova e do Bom Pastor lhe vai apresentar sentidos pêsames.

Em rádio-telefonía é tudo bondade, graças a Deus! Bom Pastor, Boa Nova... E não há um raiozinho que lhes destrua as antenas!

Comentário do dia:

As ondas do mar são brancas,
No centro são côr de azeite,
Mas as «ondas» do «Janeiro»
São côr de café com leite.

O NOSSO CONSULTÓRIO

PREGUNTAS E RESPOSTAS

Pergunta C T I E I qual é a melhor forma de se conseguir propagação.

Resposta — Radiófilamente falando, a melhor forma de se propagar no éter é não o cheirar, porque o éter desanima a gente. Mas se o pôsto emissor, possuir uma antena razoável, consegue ir longe.

Pergunta uma radiófila de Aveiro a melhor forma de evitar os ruidos.

Francamente, minha senhora, não há uma explicação plausível. A's vezes misturam-se com a música. Mas há uns filtros especiais que os abrandam. Experimente e verá.

Pergunta um radiófilo invertebrado, o que é um fading?

Um *fading* é assim a modos dum ai que se desfaz. E' o decrescimento natural da palavra. E quando êle acontece, não há nota que lhe valha. O meu amigo Vítor França, acho que encontrou um filtro especial para evitar isso. Consulte-o nas «Ondas».

Fausto LARANJA.

P. S. — Responde-se a tudo o que se refira à Radiotelefonía.

F. L.

BARBAS

que nunca estiveram de môlho

Tôda a gente conhece aquele célebre doutor que usa umas barbas, mais mal tratadas do que os condenados a trabalhos forçados, umas barbas que tremem mal ouvem o tic-tac da tesoura, e desfalecem ao sentir o cheiro da inodora água. E' o que verdadeiramente se pode chamar um honradíssimo homem, visto que nunca ninguém lhe deu água pela barba.

Ora outro dia, êste doutor estava conversando numa roda de amigos, e a conversa recaiu naturalmente na facilidade que teem certas criaturas em adivinhar factos por pequenos indícios. Estava presente, por acaso, o Abreu espi-

ritista, que se tem entregado últimamente a estes trabalhos. E êste Abreu, pôsto a defender o facto, levou tão longe as suas conclusões e deduções, que a certa altura virou-se para o Doutor, e depois de o ter olhado uns instantes, disse-lhe:

— Quer ver como eu adivinho o que o meu amigo comeu?

— Essa agora?! — respondeu o Doutor. — Ora diga lá se faz o favor...

Os outros amigos olhavam para um e para outro, interessadíssimos. Então o Abreu falou com os olhos meio fechados para valorizar.

— O meu amigo comeu papas de sarrabulho ao jantar de hoje.

— Papas de sarrabulho? E como é que você adivinhou?

— E' que ainda se lhe vêem restos pela barba.

O Doutor ficou um momento pen-

sativo, enquanto os outros sorriam um pouco desconcertados, e depois exclamou:

— A observação é certa e a dedução é perfeita. Mas enganou-se na data, porque não foi hoje que as comi. Foi na semana passada.

MANUEL MONTERROSO

O ilustre caricaturista que durante largo tempo, ilustrando as crónicas de Guedes de Oliveira (Tito-Lito), colaborou na *Paródia* do grande Bordalo — quis ter a extrema gentileza de nos enviar um desenho de boa, franca e leal camaradagem.

Publicando-o, MARIA RITA agradece de alma ajoelhada, como se diz nas novelas a arrancar ao difícil, a simpatia que o ilustre artista manifesta pelo nosso aparecimento.

Sim? Não? Oh quem dera!

Grande folhetim

BREVEMENTE

PERFIS DO PORTO

IV

JÚLIO RIBEIRO



1.º prémio no Concurso de Beleza

O que se aprende na Escola



OCTAVIO
FERREIRO
RIO
1929

— Ó Madalena, tu sabes quem era Fernão Peres de Trava?
— Dizem que era o gajo de D. Tereza, mãe de D. Afonso Henriques, o Conquistador!...

Casos da rua

Suicídio — Depois duma luta desigual entre dois homens, e se dizemos desigual cá temos as nossas razões, visto que um dos contendores era suíço e o outro era manco, o manco deu uma cacetada no suíço que o fêz ultrapassar as portas da morte e entrar na eternidade.

O manco foi preso por ter praticado um suicídio.

Morte por enforcamento — Sangalhos, 22 — Nos galhos duma figueira pertencente ao domínio público, foi encontrado morto por enforcamento e sem fala, o cadáver do desditoso primeiro clarinete da banda de cá.

Desconhecem-se os motivos do tresloucado gesto que deixou a vila enlutada. O clarinete emudeceu de desgosto, e o juiz de direito criminal, chamado para levantar o corpo, recusou-se terminantemente a fazê-lo, alegando que levantado e bem, já êle estava. O que era preciso era baixá-lo.

Assim se fêz, com grande pezar do médico de partido, que perdeu um cliente sem qualquer lucro. Para baixar o corpo tiveram de partir os galhos da figueira. Consta que a figueira não gostou da partida.

Falecimento — MARIA RITA pede desculpa de cumprimentos e apresenta os sentimentos à família enojada do sr. Anastácio Carranca, tripeiro dos quatro costados.

Este nosso ex-amigo, e dizemos êste ex com lágrimas de saúdade a bailarem-nos nos olhos, era um dos mais conceituados negociantes desta praça. Viveu sempre à tripa fôrra, porque o seu negócio de tripa por junto lhe deu outrora chorudos e hoje chorados lucros.

Alheio a políticas, pouco se lhe importavam as lutas intestinas, a não ser que as tripas subissem de preço.

Dum natural bondoso, fêz tóda a sua vida das tripas coração e dava ao próximo o recheio do seu comércio.

Uma traiçoeira doença no-lo roubou ao convívio grato dos tripeiros. Morreu com um nó nas tripas.

Paz à sua alma.



Um pouco de história

Maria Stuart

Esta senhora, antes de ser uma tragédia de Schiller, foi filha de Jacques V, rei da Escócia.

Sucedeu ao senhor seu pai no trono da Escócia, e tornou-se rainha de França, pelo seu casamento com Francisco III.

Com a chegada dela a França, começaram a usar-se, as peúgas de fio de escócia, as camisolas de fio de escócia, as luvas de fio de escócia, etc., etc. E os tecidos escoceses tiveram uma procura tal, que deixaram a perder de vista os *fundings* da panela brasileira.

Muito amiga de dormir acompanhada, a nossa Maria casou, pela terceira vez, com um cavalheiro que lhe tinha assassinado o segundo espôso, o que prova que gostava de ser grata a quem lhe fazia bem.

O povo é que não gostou do acontecimento e levantou-se em massa... fosfórica, a arder contra a coroa da Stuart, que teve de abdicar e fugir para a Inglaterra.

Esperava-a aí uma carinhosa recepção por parte da rainha Elisabeth, que recebeu a sua colega com tanta bondade e solicitude que a teve internada dezóito anos, a pão e laranja e, às vezes, tangerinas, para variar.

Durante êsse tempo, a rainha dos escoceses teve a sua vida sempre presa por um fio... de escócia, fio que se partiu quando a convidaram para ir dançar um *fox-trot* para o outro mundo, através duma fôrca muito elegante e cómoda que durante muitos anos fêz as delícias de todos os povos civilizados.

Maria Stuart nasceu nos Carvalhos, na Quinta das Carvalheiras, motivo porque ainda hoje muitos lhe chamam Maria... Stuart Carvalhais.

COLABORADORES

Também hoje nos honra com a sua colaboração (tanto mais valiosa quanto é certo ser espontânea) o ilustre dramaturgo e jornalista sr. Luís Trigueiros.

Pela graciosíssima carta em verso que inserimos, verão os nossos leitores que os anos e as agruras da vida não conseguiram deprimir o seu estro risinho. O autor consagrado das *Abelhas* continua sendo o mesmo adorável poeta, cheio de *humour* e ironia.

Vende-se

Coroas de flores naturais — Vende-se um enorme saldo em segunda mão. Carta à Agência Funerária H. da Costa.

Automóvel à prova de fogo — Vende-se um em estado de velho. Habitado a derrapages e a esbarradelas. Não liga importância ao peso dos viajantes.

A's prestações — Vende-se um casal de leopardos. Ótimos para criação. Também se vendem ovos separadamente.

Aparelho de T. S. F. — Procura as ondas como se fôsse uma pessoa. Não enjoa e fala tôdas as línguas. Carta com o retrato do comprador e o número de filhos.

Carro funerário — Em bom uso. Conhecendo todos os cemitérios do Pôrto. Nunca teve uma reclamação dos viajantes. Boas molas e óptimo estofo. Preço convidativo.

Maple — Com o perfume ainda de divinos corpos; ressurgue dos seus estofos, o geito das curvas maravilhosas, etc. etc.

Aluga-se

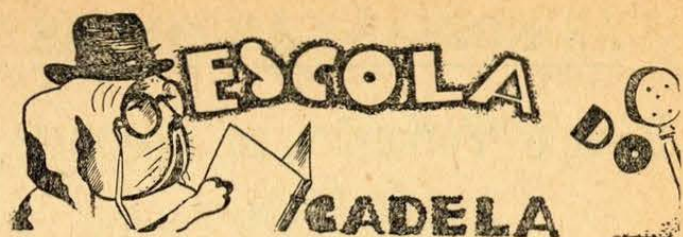
Uma perna de pau — De andar por casa. Também serve para andar na rua, mas para isso é preciso levá-la.

Um andar bonito — E' sem dúvida nenhuma o da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Formozinho.

Uma galinha — Própria para fazer canjas de dez tostões. Exige-se um fiador ou um depósito na caixa geral dos mesmos. Tem sido preferida; por isso anda de lado para lado. E' uma galinha que anda sempre na muda.

Uma garrafa de Kumell — Vazia e com o rótulo perfeito. Também se exige indemnização no caso de lhe estragarem o rótulo.

Um pente de Espanhola — Asolutamente desinfectado. Trazê-lo de preferência na cabeça. Carta à MARIA RITA.



A nossa nacionalidade

O Pôrto é a Invicta e Leal cidade que deu o nome ao nosso país. Portuga-Cale, foi o primitivo nome dêste felicíssimo rincão à beira-mar espetado, e é dali que vem o célebre Porto-Calem que ainda havemos de beber um dia se Deus nos der língua e saúde. Do lado de lá, em Gaia, começou a dizer-se assim, ao tempo que Afonso Henriques, andava por S. Mamede a perguntar aonde era a Ponte da Pedra.

Portugal, como devem saber pelas notícias da Havas, é uma parte integrante da Península Ibérica. Foi seu fundador, ou por outra, sócio fundador, um homem chamado Pelágio, que além de deixar o seu vício de *pelagiar* aos comediógrafos de agora, arranjou o seu quartel de defesa em Covadonga, nas Astúrias. Seguindo-lhe as pisadas, ou por outra, pelagiando-o, Viriato, que foi empregado nos Hermínios, construiu em Vizeu a Cova do Viriato, para se defender dos *várvaros*, e conquistar assim a sua nacionalidade e a nossa.

Mais tarde, quando os franceses entraram no Pôrto, e quiseram passar a Vila Nova, os *gaiatos*, esconderam-se também na Cova da Onça e assim conseguiram escapar.

Em Lisboa valeu também aos portugueses a Cova da Piedade, que por ser uma cova feminina foi mais acolhedora.

Tôda a gente sabe também que o melhor carvão é o de S. Pedro da Cova. E por estas razões se demonstrá que o povo do Pôrto, foi o maior e melhor propagandista da utilidade das covas.

A própria religião, meus senhores, foi buscar à cova da Iria a sua santa mais linda, e a tauromaquia encontrou no Morgado de Covas o seu expoente máximo.

E aí teem Vossas Excelências a razão porque o Pôrto está cheiíssimo de covas.

J. d'A.

No reino de Morfeu

Dorme o cão, dorme o gato e a doninha,
O sardão, a toupeira, o feio sapo;
E o catraio, se apanha algum sopapo,
A berrar ferra o galho e amorrinha.

Dorme o pato e o peru, dorme a galinha
Quando ao sol estendida, cheio o papo;
No regaço da mãe dorme o ganapo,
Dorme a sopa, entre os tachos, na cosinha.

Dorme tudo que vive neste mundo...
Mas, embora do sono mais profundo,
Se reanima e desperta finalmente.

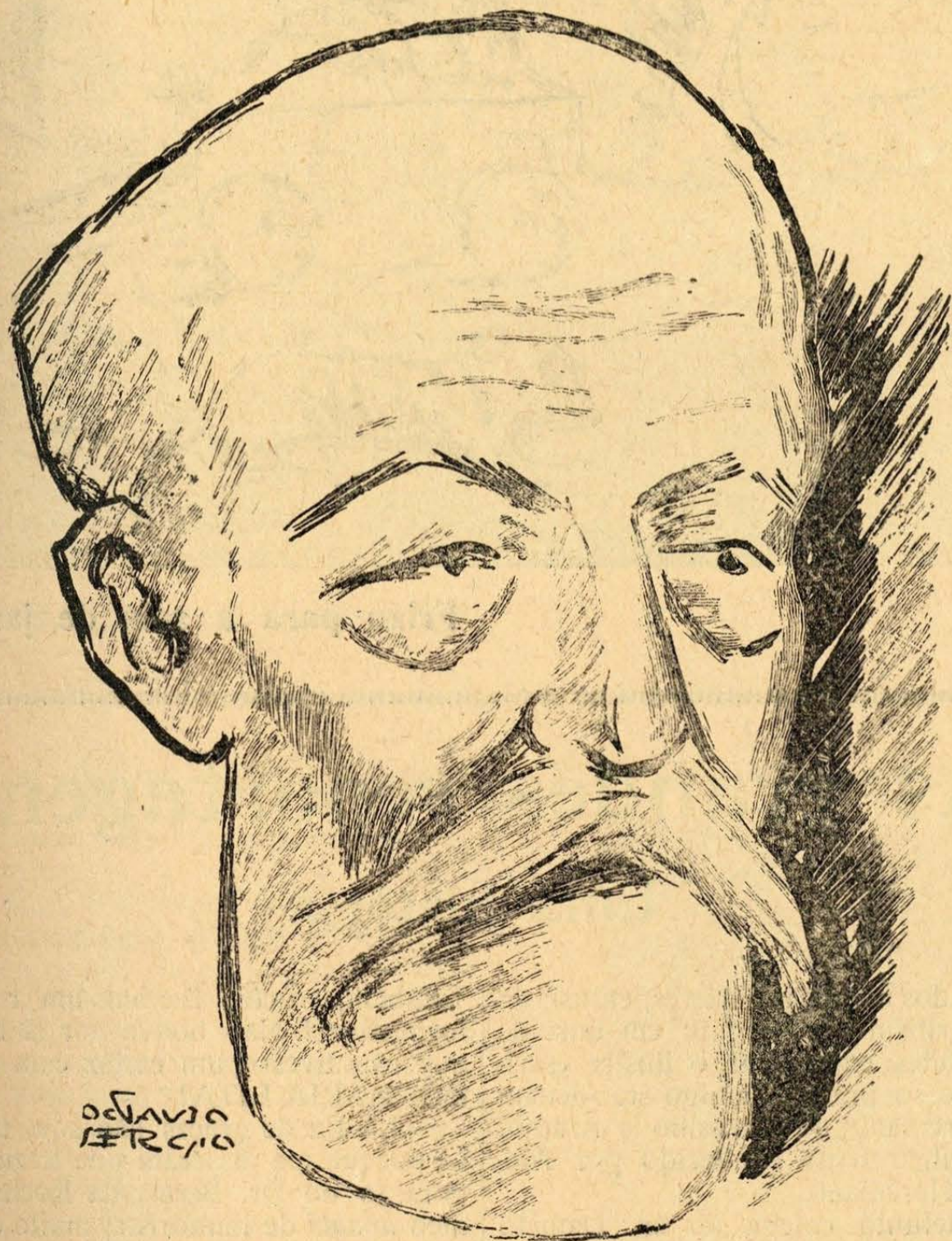
Só no chaço o relógio onde a tesura
Mo levou, por amor de uma aventura,
A dormir passa a vida eternamente.

ALBANUS.

COROAS & CARTOLAS

IV

PAUL DOUMER



O Presidente da República Francesa, ora tão bárbara quão imprevisivelmente assassinado, era um cidadão no mais rigoroso sentido do vocábulo.

MARIA RITA, jornal feito para a irreverência do comentário, veste-se hoje de luto para registar comovidamente a morte do austero democrata.

Desde o "Portorrão", ao "Cogumelo",
da Caixa

Uma carta da Senhora Desconhecida

Da menina d'Avenida
Nós vimos de receber,
Uma epístola atrevida
Que os nossos leitores vão ler.

Senhores da "Maria Rita"
Tripeirinhos de eleição,
Vós que fostes os padrinhos
Do meu pai, o "Portorrão":
Vós que, com todo o carinho
Da vossa alma saudável,
Internastes em Semide
A "Casa Tuberculosa";

Vós que, com todo o denodo,
Depois de muito fadário,
Fechastes a doçaria
Do tal "Túnel do Rosário";
E com tôda a valentia,
Que em vós existe e abunda,
Pretendeis que nos dê luz
O "Castiçal da Rotunda";

Vós que sois os bons padrinhos
De tôda a gente da baixa,
Do "periscópio" do monte
E "cogumelo" da Caixa;
Vós, a quem não seca a fonte
Dum humor sempre magano,
E a quem o Pôrto deve
O tal "Metropolitano";

É a vós, caros tripeiros,
(A quem eu agradeida
Devo o lindo nome de
"Senhora Desconhecida")
Que eu me dirijo pr'a que
Baptizem já, sem demora,
Os três filhos rechonchudos
Que há tempos deitei cá fora.

Deve ser coisa bem fácil,
Dar lindo nome aos petizes.
Vamos a isso, padrinhos,
P'ra qu'êles sejam felizes!
— Adeus, abraços, beijinhos,
Saúdades, muitos recados,
Da tal que vocês disseram:
"Que rega p'r'os quatro lados".

Resposta

Pela carta acima exposta,
Escrita com dor e máguas,
São filhos, os três tunantes,
Da senhora que verte águas.
Sendo êles tão brilhantes
Quando o sol os ilumina,
Ficam sendo os três miúdos,
Meninos de purp...urina.

FERVIDO.

RUA DA AMARGURA



Frizo para a sala de jantar de vendedor de gêneros adulterados

As grandes reportagens

Uma história

Um dos nossos repórteres, entusiasta do espiritismo, conseguiu em uma de estas noites entrevistar o ilustre escritor e nosso prezado amigo sr. Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo, mais vulgarmente conhecido por Alexandre Herculano.

O defunto colega do sr. Damião Peres, tem de início frases do maior louvor para MARIA RITA.

Entre outras coisas, o nosso eminente camarada nas letras, cuspidando um caroço de azeitona, disse:

"Li o vosso primeiro número...

Também, vocês, fizeram um reclame formidável! Não houve por aí nuvem que não tivesse um cartaz com a anafada MARIA RITA!

"Li. Eu de graças não sou, mas li. Li porque me disseram que trazia colaboração do Dr. Barata da Rocha, médico *double* de humorista, muito conhecido aqui nestas paragens pela sua fina piada." — O Mestre fez uma pausa e continuou:

"E afinal fiquei desolado. O Dr. Barata não colaborou. E eu conheci logo pela falta de piada..."

"Vocês deviam contratá-lo lá para a redacção: Escusava de andar por lá, a estragar a veia a contar anedotas na Brasileira..."

— Mas, — interveio o jornalista — o assunto Barata não nos interessa... O que o nosso jornal pretende é uma entrevista sobre história.

— Histórias! — volveu com voz de trovão, o solitário de Vale-de-Lôbos. E levando à boca a mão cheia de azeitonas, tatobitando as palavras de mistura com os caroços, o ilustre autor do Eurico, rematou.

— Além desta história do piadista Barata não sei mais nenhuma.

Amanhecia. A mesa pé de galo deixou de bater o citado galináceo pé e o nosso repórter, de olhos esgazeados, entrava na redacção a dar contas da sua *reportagem* fantástica.

E um dos nossos directores di-



zia: — sempre tem coisas, o espiritismo!

de Marçal Jordão

Amigo Marçal Jordão:
Eslimarei que ao fazer desta
Tripas, bofe, coração,
E tudo o mais que lhe resta,
Se encontre na afinação.

Na missiva que remeto
Do cimo da Cotovia,
Rimas, a martelo meto...
Parece-se com poesia,
Como o ovo com um espêto.

São versos de pé quebrado,
Nascidos d'um estro chocho;
O que já deve ser esp'rado,
Desde que o vate está coxo
E um tanto desmiolado...

Largo relato não faço
De notícias alfacinhas;
Cá está o Tomaz Colaço
Para as enviar fresquinhas,
Com graça e desembaraço.

Mas posso de vez em quando,
Sem o alheio trilhar,
Alguma "nova" ir cantando
Se, "a tanto me ajudar
O engenho", velho e brando.

Começo: a telefonia...
Linda invenção, coisa rara!
Ouvir a maçadoria
E não ter que ver a cara
D'um maçador, que alegria!

Rogar-lhe uma praga têsá,
A' tal gralha palradeira,
Ou rir dela co'a certeza
De ficar a cara inteira...
Que progresso, que beleza!

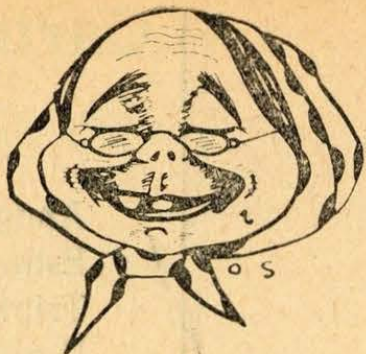
Certas cantigas ouvir
Com ditos de arripiar,
Fora o que vem a seguir...
Sem ver as velhas côrar
E as meninas a sorrir!

Se tudo assim vai, meu caro,
Em progresso desmarcado,
Não será um caso raro
Deixar de comprar fiado,
— Por falta de fios, é claro...

Ponto por hoje, Jordão:
Não fugir à velha manha
De rir sem afinação...
Abraço o Zé d'Artimanha;
P'ra si um chi-coração.

Lisboa, Mato.

Luis TRIGUEIROS.



Secção desportiva para o envelhecimento da raça : : e para o desenvolvimento da boa educação : :

Começaremos esta secção por desejar a Vossas Excelências muito boas tardes... de sport.

Depois cumprimentamos nas pessoas das *clagues* os respectivos clubes, para os quais vão as nossas melhores saudações juntamente com o pedido dum maço de cigarros livre-trânsito. A título de curiosidade, e como agradecimento, inserimos abaixo o nome dos campos de que nos foram já concedidos bilhetes:

Campo Pequeno (e vê-lo?...);

Campo 24 de Agosto (êste é de Foot-Ball porque também usa o nome de Poço das Patas);

Campo de Santo Ovidio (êste é o dos árbitros por causa do olvido);

e os diversos Campos Monteiro que temos cá em casa.

Também nos foi facultada a entrada no Aljube, que muito agradecemos.

Dito isto à moda de preâmbulo, daremos entrada no campo (outro) das apreciações.

As apreciações que hoje fazemos resumem-se em dizer a VV. Ex.^{as} que não

podemos fazer nenhuma, em virtude de termos nascido há pouco tempo. Para a semana que vem, se formos vivos, e houver algum joguinho, teremos oportunidade de o divulgar aqui.

Por hoje limitamo-nos a algumas considerações sobre o

“Foot-Ball,,

O *Foot-Ball*, como eu o julgo, é um jôgo que se pratica com os extremos, isto é: com os pés e com a cabeça. Além destes extremos há outros, como sejam o da má educação e o da violência.

Joga-se de ordinário com a bola, mas a maior parte das vezes é com as canelas dos parceiros.

São onze tipos dum lado e onze do outro, que se encontram por acaso meio despidos de roupa e absolutamente despidos de preconceitos humanos.

Há também um vigéssimo terceiro, que passa a tarde a correr com um apito na bôca e a quem ninguém liga importância.

Dum lado e de outro há guarda-rêdes, guarda-costas, guardas republicanos e guarda o de baixo.

O homem do apito serve para fazer parar e fazer andar a bola, que às vezes não tem culpa nenhuma, mas que passa um martírio tamanho que chega a deitar os cordões fora da bôca.

Nestas partidas, às vezes, há também assistência. A esta, quando é da Cruz Vermelha, compete fazer a retirada dos feridos; quando é a que paga, não tem regalias nenhuma. Esta tem de agüentar de cara alegre e esperar pelo desafio seguinte a ver se vê algum bocado de bom jôgo.

Da designação dos jogadores direi apenas isto por hoje. É que há os meios defesas e os meios violentos.

No próximo número daremos mais detalhes sobre êste jôgo de azar.

“Conselhos,, de segunda classe

Se um dia fores árbitro de *foot-ball* não te cases; bem sabes que as viúvas são uma tentação.

Quando vires a bola ir fora, junto ao *goal*, nunca digas que é um *corner* sem reflectires primeiro: podes insultar alguém que não conheces.

Quando chegares a árbitro vai todos os domingos à missa e pede ao padre que te ouça de confissão; porque para a extrema-unção bastará a extrema esquerda.

“Tenis”

FOZ — COIMBRA

Nos “cortes” da Foz

(Do nosso enviado especial que chega sempre atrasado)

Com muitas senhoras e poucos cavalheiros, realizou-se êste torneio, que mais uma vez foi ganho por aqueles que mais tempo tem para treinar.

Positivamente que os que vão para Coimbra é para estudar e não para brincar (assim dizem os papás).

Este torneio foi quasi como um *film*, dividido em 2 episódios e falado em português pelo sr. Nuno Cadore e por outros em inglês, graças às lições que o sr. Amílcar César dá pela Radio-telefonia.

E' de lamentar o não se ver nem ouvir, como nos outros “sports”, insultos aos árbitros e aos jogadores.

A's 6 1/2 de sábado foi servido um chá das 5 que devia estar bom, pela cara que faziam ao tomá-lo, e para o qual certamente por distracção, o nosso representante não foi convidado.

Começou à hora marcada, 3 horas e 90 minutos.

Sim? Não? Oh quem dera!

Grande folhetim

BREVEMENTE

À
“MARIA RITA”



Que viva eternamente... a rir!...

W. M. 1932

(Desenho do Dr. Manuel Monterroso)



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

A minha prosa de hoje ressent-se com certeza de um grande susto que apanhei. Apanhei-o agora mesmo. Está fresco.

Ansioso por vir trazer-te pontualmente notícias de Lisboa, saltei da cama, num belo salto à Luís XV. Com o encontrão que lhe dei, caiu da banquinha de cabeceira «o amante de Lady Chatterley»; (não te assustes; é um livro indecente, para gente chique; eu só me interessei pelos livros de chiques desde que prescindí dos livros de cheques). No caminho da caminha para a janela tropecei ainda com um pé da minha mesa; isto é, o pé com que tropecei era o meu, e aí é que me dói; assim mesmo, não tendo bastante claridade a-pesar-de ver as estrêlas, escancarei as portas de dentro. E fêz-se a luz. E entrou a luz. Esta doce luz de um sol dulcíssimo, que deslumbra os vates; esta luz generosa que não é medida por contadores de quilovates; esta luz de oiro que a Terra não paga, porque Deus lha dá fiada desde os tempos remotíssimos do *Fiat-Lux*. — Depois, abri os vidros para entrar também o ar, precioso gás que, a-pesar-de não ser muito puro, vem a nós sem dependência do canudo da Companhia.

O meu mal foi justamente abrir os vidros. Mas abri-os. Abri-os de par em par a-pesar-de cada meia janela ter só três, — número notoriamente ímpar. O meu olhar subiu ao céu, qual se fôsse santo. E caí. Caí de comoção.

Em frente, em cima, pendurada numa nuvem como na prateleira de uma despensa azul, uma morcela de Arouca, viscosa e monumental, manchava a claridade radiosa da manhã. Esfreguei os olhos; palpei o peito, o parapeito; adquiri a certeza de estar em plena realidade, quando ouvi passar um eléctrico; não havia dúvida...

E percebi. E' um balão cativo; um dirigível a fingir, rombo, curto, sem máquina, e imobilizado por uma corda, — por absurdo que pareça isto de uma coisa ter corda para não andar. Ali está. Um dirigível-salchicha; um dirigível indigerível... Andam a fazer exercícios militares. E eu até vejo daqui a barquinha; tu eras capaz de ir na barquinha? Eu não. Nem ao nível do mar eu gosto de ir no bote; quanto mais na barquinha, e pelo ar. Não. Admito sem desprazer que muitas mulheres bonitas pudessem chamar-me um figo, — mas sentir-me-ia deslocado em semelhante cabaz. Desempenhem outros os seus papéis guerreiros, — naquele cesto de papéis. Não. Acho aquilo horrível, MARIA RITA. Detesto aquele intruso no meu horizonte. Horripila-me a ideia de que estão de lá a ver por um óculo o que eu te escrevo. O meu aparo tem vontade de ser bico de águia, para ir espicaçar aquele mostrengo. E' grande, é molengão, é feio; tem atrás uns feitiços complicados, um nó de três tripas grossas a rebentarem de um ventre de elefante. Na rua, ouço a rapaziada gritar «olha o balão!», como nas noites de Santo António. Mas que diferença! Este é cativo... Não haver um raio que lhe dê ordem de soltura!...

*

O Parque Eduardo VII vai ser teatro de uma revolução. Não estremeças, MARIA RITA.

Eu não sou boateiro. E' uma revolução urbana, — sem piada ao Sr. Urbano Rodrigues. Querem modificar o traçado previsto. Mais avenida, menos avenida, eu embirro irremediavelmente com o Parque Eduardo VII; porque embirro com tudo o que seja gastar dinheiro a embelezar a cidade longe do seu rio. Lisboa é uma cidade que está errada, e mais errada fica quanto mais se multiplica; em vez de cuidar da margem do Tejo, só pensa em pôr o Tejo à margem.

O Parque Eduardo VII?... *Sétimo*, preguiça. Lisboa tem preguiça de fazer o que deve; é o seu pecado mortal...

*

Já que falamos de ruas, e de de imortalidade, sempre te quero contar que tem corrido por aqui muita tinta, e já ia correndo sangue, por causa do 24 de Julho, de Nuno Alvares Pereira, e do Dr. Alfredo Pimenta, que foi desafiado para um duelo.

Tu conheceste a Rua do 24 de Julho?

Era um formigueiro de carroças que começava em frente da Estação provisória do Cais do Sodré; esgueirava-se entre os fedores de dois mercados, o do Atêrro, onde se vendiam couves podres, e o da Ribeira, que era o do peixe espada e outros habitantes das ribeiras; logo a seguir havia o Club das Carroças do Lixo, assim chamadas por andarem naquele tempo a ver quanto lixo se acumulava pelas ruas; e depois erguia-se um edificio gretado de ogivas melancólicas, que todo o dia atirava fumaças de carvão em pó, e era a Companhia do Gás. Tudo isto era antes do chocolate, que se fabricava na Avenida das Côrtes, — não no Parlamento, mas na Fábrica Iniguez. Depois, o jardim de Santos, casas feias, barracões, tapumes, porcaria e poeira, a alterosa Moagem, a muralha do Quartel de Marinheiros, e um pesado pivete a sêbo que era devido ao Sr. Alfredo da Silva, — digo, à União Fabril. Aqui tens o que era a rua do 24 de Julho, pela qual agora se andam a bater alguns liberais indefectíveis.

Sobre tudo isso passou um vendaval, asfalto, calcetamento, limpeza se não beleza. E, como alturas tantas começa a Avenida da Índia, que evoca o momento máximo da segunda dinastia, lembrou-se a Câmara de dar o nome de Nuno Alvares Pereira à Avenida que substituiu a vergonhosa rua, — creio que por ser o Condestável uma das figuras máximas da mesma dinastia. Tem sido o diabo.

Ao que parece, o 24 de Julho era intangível, e praticou-se ao substituí-lo em meia dúzia de esquinas um crime de lesa-liberdade. Ora, eu gosto muito da liberdade, mas acho que foi muito bem escolhido o nome de Nuno Alvares. A liberdade já tem uma Avenida, embora assentada à Penitenciária. O Marechal Saldanha já está há que tempos encarrapitado no seu pedestal, de braço estendido, a ver se lhe chove na Praça. Em frente do «guichet» onde se compram, para o Estoril, os bilhetes de primeira, — já está por seu turno o Duque da Terceira. E pouco além, num jardim florido, lá está ainda o Marquês de Sá da Bandeira, erguendo ovante o seu estandarte de ferro; — salvo seja, de

bronze; e não é estandarte, é Bandeira; a Bandeira do Marquês de Sá...

Não será suficiente preito da pátria agradecida aos próceres liberais?

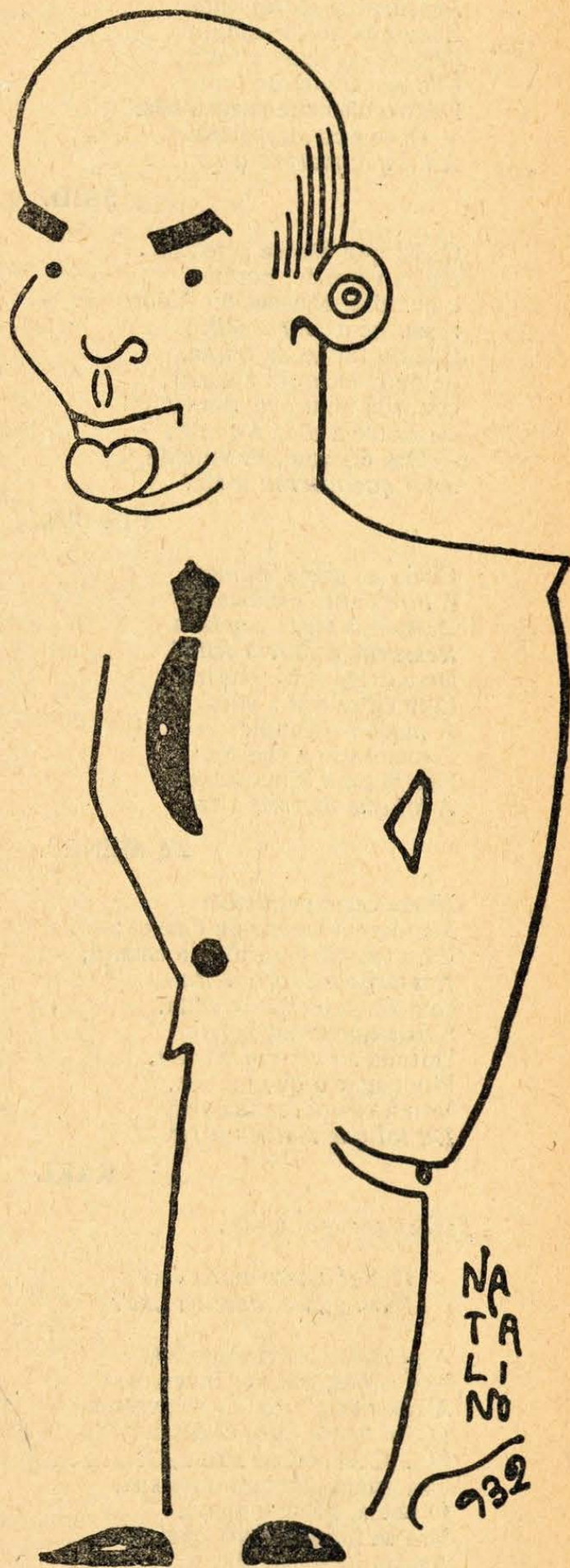
Eu compreendo. O Condestável é suspeito. Cheira a Reacção e a Clericalismo. «O regime da democracia», — dizia-se o outro dia na Brasileira — «proclama a instabilidade dos pergaminhos de nobreza; não é a altura de prestar homenagem a um Conde Estável». E outro respondia: — «Demais a mais, Lisboa já lhe prestou há que tempos a maior homenagem, não numa rua mas num Bairro. Nuno Alvares gostava tanto dos padres que a Igreja até já confessou que êle era Beato. Ora há que séculos que o Beato é um bairro lisboeta...»

E aqui tens, minha querida MARIA RITA, como Frei Nuno de Santa Maria anda a ser maltratado.

Dispõe sempre do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.

O AS DAS FITAS



Raul Lopes Freire



Positivamente, Portugal é um país de Poetas! São tantas as glosas recebidas das dezassete partes do mundo para o mote

*Ressurge a MARIA RITA,
a tal que morreu a rir!*

que, para poupar um desgosto aos vates, resolvemos publicá-las.

Na intenção, que a nobilita,
de dar caça à hipocondria
e vida à tipografia,
ressurge a Maria Rita.
Quando nasceu, coitadita,
disse aos papás, a sorrir:
ajudem-me a resistir...
Espequem bem a gazeta,
p'ra que não vá p'ra o maneta
a tal que morreu a rir!

ROSINHA.

Carvalho Barbosa apita
A Arnaldo Leite poeta:
«Vamos pegar na caneta»
Ressurge a Maria Rita.
E logo os dois à compita,
Sempre do tédio a fugir,
Não se cansam de sentir
Dentro d'alma a gargalhada.
— Deve ficar despeitada
A tal que morreu a rir!...

SAID.

Quási que não se acredita...
Mas a verdade, porém,
é que das mansões do Além
ressurge a Maria Rita.
E lá do fundo da cripta,
de onde emergiu a sorrir,
confiada num bom porvir,
ela exulta a tôda a gente:
— Ora eis aqui, finalmente,
a tal que morreu a rir!

FIA-FIA.

Cheia de graça infinita,
E *lata* muito estanhada,
Da campa triste e gelada
Ressurge a Maria Rita!
De barriga qual guarita,
Ei-la entre nós a sorrir,
A piada a difundir
E semeando a chalaça;
Não fôsse a Rita carcassa
A tal que morreu a rir.

Zé MÉNES.

Numa cesta pequenita
Mandaram-me vir de França;
E ao tempo, com tôda a chança,
Ressurge a Maria Rita
com lenço e saia de chita.
Sorria ao ver-me sorrir,
Dormia ao ver-me dormir.
P'ra pagar o que me fêz,
Vou à campa, muita vez,
Da tal que morreu a rir.

KAKI.

E, agora segue o mote:

*O Sol nasce para todos,
Para quem nasceu a Lua?*

A-pesar-de haver engodos,
Nos rifões, e haver inversos,
A não ser p'ra quem faz versos,
O Sol nasce para todos!
O dinheiro corre a rodos
P'ra quem não tem obra sua.
O poeta, geme e amua,
Mas se formna' uma queixa,
Agarra logo esta deixa:
— *Para quem nasceu a lua?!...*

Colatudo de CAMÕES.

Diz-me o A. Leite em bons modos,
ao pôr a careca ao leu:
— Quando tiro o meu chapéu,
o Sol nasce para todos;
aqui há fósforo a rôdos!...
E afirma, cobrindo a sua
cabeça, deserta e nua,
que foi para os namorados,
e por mal dos seus pecados,
para quem nasceu a lua.

R. J. (TONISCA).

Continua o mote:

*O Sol nasce para todos,
Para quem nasceu a Lua?*

(Este mote tem de ser glosado em décimas, cujas, embora relaxadas, teem de transpor os umbrais desta redacção até Terça-feira).

ANUNCIOS

da MARIA RITA

Precisa-se

Sócio capitalista — Precisa-se com um capital de duzentos contos para uma indústria em franca exploração.

Criada — De fora e dentro. Prefere-se quem saiba cantar o solidó do Timpanas porque não há radiola na casa.

Cavalos — Precisam-se para um motor a dois tempos. Exigem-se referências e não se dão por absoluta falta de espaço.

Homem — Com uma saúde de ferro. Precisa-se para servir de modelo a um rótulo de farmácia. Prefere-se com ambas as pernas.

A crise do Douro



Enquanto os especialistas discutem...



Quem é?

Seu todo muito parecido
Com um tonel da Bairrada.
E é já de todos sabido
Que ela é mãe da gargalhada.

É ferrenha defensora
Do partido piadista,
Tem *arte e manha*, a senhora,
E p'lo Carvalho é benquista.

Nasceu no burgo tripeiro,
Um tal Sérgio é o seu derriço,
Vai p'ra os *campos* co'o Monteiro,
Ninguém tem nada com isso...

Seu *leite* puro, alimenta
A laracha lusitana,
Com mais ou menos pimenta,
Uma vez cada semana.

(Aveiro).

OLEGNA.

Adivinha

Com um **P**, vai com arroz.
Com **F**, veste-se a gente.
Com **R**, tem mêdo atroz
d'um com **G**, se fôr Vicente...

ZECA II.

Anexim

Por viver num casarão,
lá para a Serra d'Agrela,
sózinho, o Pantaleão,
tem um mêdo que se pela...
E ao vê-lo assim, diz-lhe, então,
sua prima Filomela:

— "....." (?)

MAGNUS.

Decifrações do último número: — *Quem é?* Teixeira Lopes. — *Anexim*: Quem se mata, morre cedo...

Matadores: — Adiposo Filho, Alambique, Micaela Senior, Rei dos Borlistas, Cardial Mina.

OFERTA

Adeus para Sempre — Companhia Funerária e Decorativa. Sociedade anónima por tempo ilimitado. Rua da Murta, letras R. I. P.

Nesta Companhia servem-se com rapidez e discreção tôda a espécie de pedidos. Primeira casa no seu género. Os caixões do nosso fabrico duram tôda a vida do comprador. Para afirmação do que dizemos, temos o prazer de declarar que nunca nos foi devolvido nenhum em trinta anos de vigência.

A's quintas-feiras dão-se balões às crianças. E não erraremos se afirmarmos que temos tido fregueses que se matam só para serem servidos pela companhia «Adeus para sempre».

Choradeiras ensaiadas pelo sr. Armando Leça. Entram sempre a tempo e não estabelecem o ridículo de chorarem fora de horas. Cocheiros e trintanários de cara compungida. Elegância e seriedade. Prefiram a companhia funerária «Adeus para sempre», se querem ser bem servidos na eternidade.



Negócios de lucro certo

O Nicolau era rico, viúvo, usava óculos, tinha um rendimento de dez contos por mês, dois joanetes, um *chalet* com lousa e um filho com telha.

A fortuna que possuía foi ganha com o suor do seu rosto, acompanhado de transpiração geral: Foi careteiro no Brasil.

Como tivesse dado o corpo ao manifesto para amealhar uns patacos, não levava a bem que o filho, — um manco de dezóito espinafreadas primaveras, — se dedicasse à malandrice, furtando ao trabalho o corpo e ao pai uns cobres a que podia deitar a mão.

*

* *

Era preciso colocar o rapaz. Empregá-lo? Mas como e onde?

Quando aparecia uma vaga, o filho do Nicolau fugia vagamente de dar o mergulho e o pai é que ia na onda, escorregando com alguns escudos para a pândega.

O remédio era estabelecê-lo. Qual o ramo de negócio? Miudezas?... Camisaria?... Modas?

*

* *

O Nicolau foi consultar o seu velho amigo Jerónimo e abriu-lhe o coração

de pai para o Jerónimo entrar e dizer de sua justiça.

— Como sabe — começou o Nicolau, — eu tenho um filho principiado em Pelotas e acabado em Mato Grosso. O rapaz veio comigo para Portugal. Tem dezóito anos e eu pretendo fazer dêle um homem, dedicando-o ao comércio, que é uma indústria muito rendosa. Não é porque êle precise. Graças a Deus massas não me faltam...

— Massas? — inquiriu o Jerónimo, pouco conhecedor de calão.

— Massas, sim. Arroz, cacau...

—?!

— Dinheiro, homem de Deus!

— Ah!

— Mas é necessário que êle se habitue ao trabalho.

— E é forte? — perguntou o Jerónimo para perguntar alguma coisa.

— Coitadito! E' um pelem... Peito metido para dentro e uma doença no sangue que lhe fêz cair o cabelo todo! Pobre moço! A cabeça parece um queijo, o corpo um bacalhau e, para maior infelicidade, tem açúcar nas urinas! Ora já vê... E então, que me aconselha?

— O' amigo Nicolau, o caso é fácil de resolver. Se você possui massas, arroz e cacau, e o rapaz tem queijo, bacalhau e açúcar, estabeleça-o com uma mercearia! Escusa de comprar os géneros e o lucrozinho é pela certa.

LEIDOAR.

Farrapos da ciência

ou por outra:

ciência esfarrapada

Predições astrológicas para o mês de Maio

Este mês de Maio, do qual se diz, e com carradas de razão, que é o quinto do ano, está debaixo da influência de *dois gémeos*. E' êste o signo sob o qual girará e girou desde o princípio do calendário. Este signo é representado por dois meninos iguais aos da Avenida e preside aos destinos da nossa vida durante um duodécimo.

O signo *Gémeos* é dado às riquezas naturais, como seja o carvão e o vinho do Pôrto, e favorece o empate de capitais. Também é dado a um carácter violento, o que parece impossível vindo de duas criancinhas... Se debaixo dêste signo alguém se abalançar a abraçar uma senhora na rua — devia ser na cinta, mas vá lá, — vai preso com certeza, se não levar dois estalos.

E' conveniente também evitar os eléctricos com o guarda-freio na bôca ou os automóveis em adiantado estado de gravidade para os transeúntes. Pode-se ficar sem uma perna.

Também se não deve casar neste mês. Antes do eléctrico ou o automóvel.

Damos em seguida as qualidades das pessoas que nasceram na primeira semana dêste mês.

Dia 8 — Nascerão fora de tempo, porque deviam vir em Abril. Dados a manifestações de todo o género.

Dia 9 — Serão precoces e dactilógrafos. Difícilmente aprenderão a ler.

Dia 10 — Serão célebres pelo que trabalharão para viver sem trabalhar.

Dia 11 — Terão calos, joanetes e uma Joanninha. Usarão de preferência fundilhos nas calças, de fazenda diferente.

Dia 12 — Casarão todos os que nascerem neste dia. Os filhos serão violinistas, e os vizinhos obrigá-los-ão a mudar de casa.

Dia 13 — Neste dia não nascerá ninguém. Parece impossível mas é assim mesmo, e não se admitem reclamações.

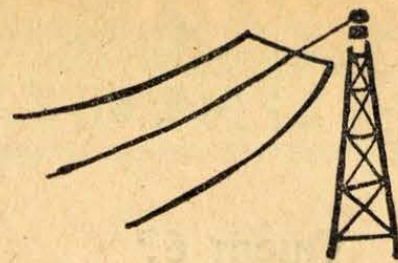
Dia 14 — Afeminados... um horror!

Dia 15 — Fortes, musculosos. Escolhidos para Mussolinis. Domarão tudo menos a sogra. Esse dia em que há-de nascer aquele que consiga domar a sogra, nunca mais vem ao mundo. É pena!

Astrólogo BARBATANA.



COISAS DE FORA



IMPRESSÕES DA FRANÇA

(Do nosso enviado especial)

A França, a nossa galante França do Vitor Hugo e do Clement Vautel, da Sarah e da Mistinguett, do Gambeta e do Blum, recebeu a nossa MARIA RITA num *frisson* apoteótico de palmas, beijos, abraços, champanhe e outras iguarias gaulesas.

Em Baiona, homens, mulheres e crianças aclamaram a rechonchuda MARIA RITA.

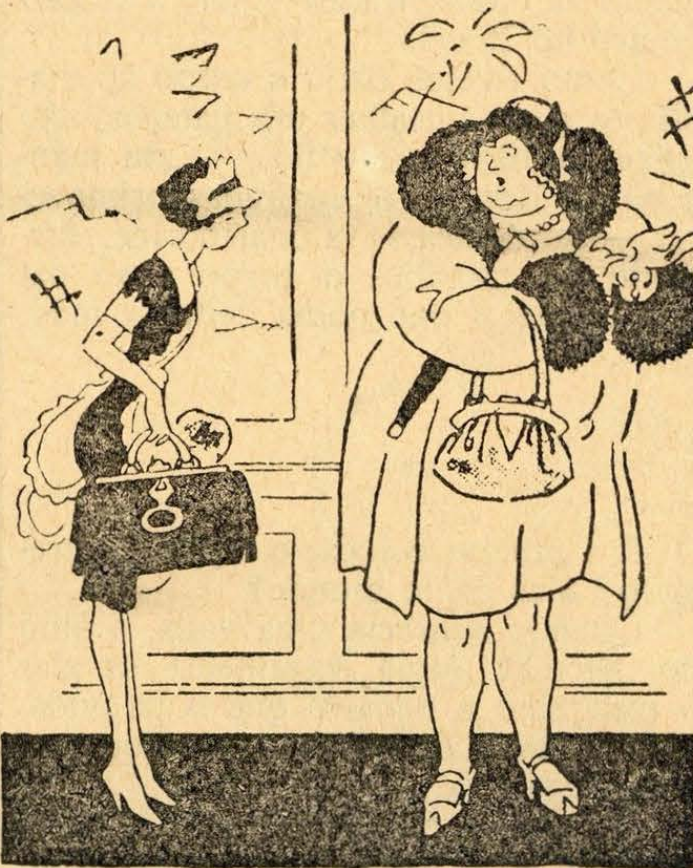
As pequenas de Baiona davam vivas num entusiasmo indescritível. Não havia maneira de fazer calar as baionetas.

Em Bordeus estavam representadas tôdas as fábricas que lá existem de vinho do Pôrto.

Orleans delirou. Na gare encontravam-se várias famílias reais que caíram comovidas no seio farto e acolhedor da nossa simpática MARIA.

Paris. Cais d'Orsay. Onde nós fomos cair! Mataram-nos com abraços. O Thardieu, o Laval, o Herriot não compareceram com inveja. Em compensação, fomos recebidos pelos carregadores da estação, pelo chefe, pelos fiscais, e até o porteiro, à saída, nos pediu o bilhete, gentileza que muito

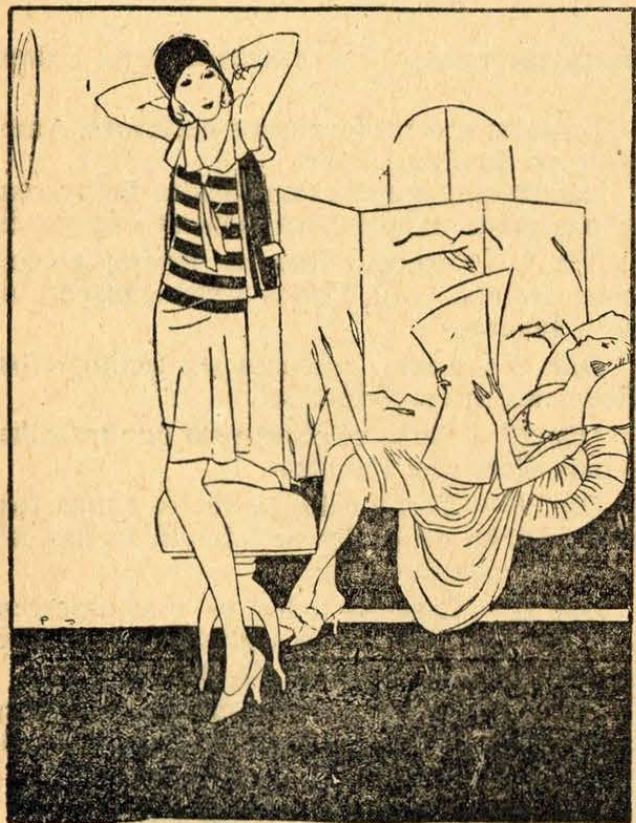
Razão de pêso



— Parece impossível, Joaquina! duas horas para comprar meio kilo de açúcar!...

— A senhora desculpe, mas não tem razão... Foram dois kilos,

Entre artistas de cinema



— E o teu advogado levou-te muito dinheiro pelos seus honorários, no divórcio?...

— Não! Barátíssimo... Comprei uma serie.

nos penhorou e que agradecemos com um *merci*, puxado bem cá do interior.

Quando entramos na "Ville Lumière" passava da meia-noite. O taxi atravessou as ruas quâsi desertas e mergulhadas numa treva densa de carvão de coke. Aquela escuridão tôda... era a cidade Luz!...

A primeira notícia que lêmos hoje nos jornais franceses devia ter feito delirar de alegria o camarada alemão-austriaco Hitler.

A natalidade, em França, no ano passado, baixou 50%!!!

Também foi a única coisa, louvado seja Deus, que tem baixado neste país!

Parece-nos que a França só tem um caminho a seguir: importar a matéria prima de Portugal.

Ao que chegou a França! Dantes vinham de lá os meninos; agora tem de se mandar para lá as amostras.

E há quem chame a esta República, a França dos direitos do homem!

Dos direitos do homem? Que deliciosa ironia! A burguesíssima França delira pelas testas coroadas!

*
Não só as admite em carne e osso, como consente que os reis circulem por todo o país em moedas expulsas de outras nações.

Damos um franco para comprar um jornal e recebemos de trôco um D. Luís I, um Vitor Manuel II e um Afonso III!

Aqui pode-se ser talassa e continuar a trazer dez reis nas algibeiras, com tôda a liberdade, igualdade e fraternidade.

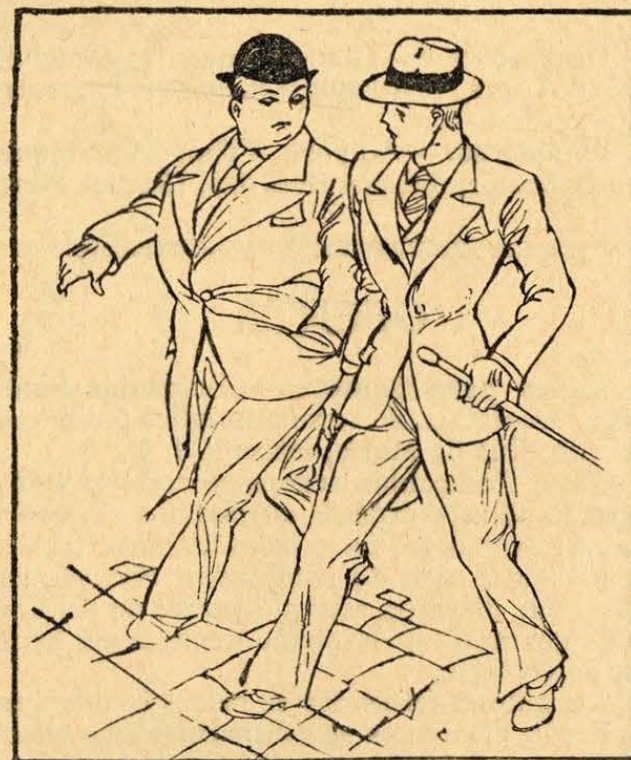
*
A França teve dois homens verdadeiramente célebres: O Napoleão e o Chevalier.

Um fêz *fitas*. O outro continua a fazê-las.

*
Os Campos Elíseos! Os Campos Elíseos!

Mas o que é isso comparado com os Campos... Monteiro?

Tem graça

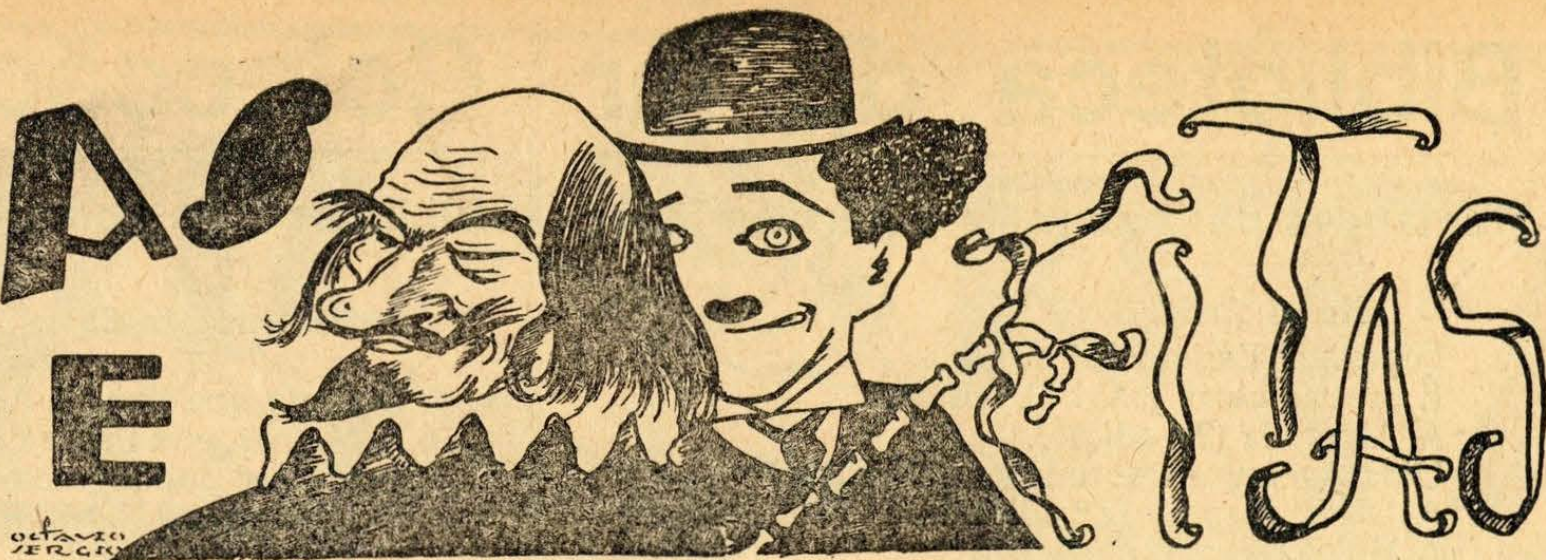


— Pois, meu caro: a visita do Pereira aborreceu-me tanto que resolvi tocar a campanha para chamar o criado.

— Mas se tu não tens criado!...

— Mas tenho campanha.

PEÇA E



OLHO DA RUA

projecto dum quadro de qualquer revista

(A cena representa a Avenida dos Aliados. — Madrugada de inverno, pardacenta e lacrimosa. — Passam alguns severianos melancólicos, e a Senhora Húmida tem aquela gotejar lugubre das almas incompreendidas.)

CÔRO DE CHAUFFEURS

Porque é
que a Senhora que ali 'stá
— trilhará!
trilhará! —
com os seus modos tão finos,
a-pesar-da sua mágua,
não se aproveita da água
p'ra destingir os meninos?

COMPÈRE

Aos rapazes tão gaiatos,
há quem lhes chame... Pilatos!
E alguns que aqui não digo
q'riam chamar-lhes... um figo!

CÔRO

Ah! Ah! Ah!
Ess'agora não é má!

(A claque, à falta do público, aplaude delirantemente. Os chauffeurs saem pela E.)

COMPÈRE (depois de música)

Pronto! Cá estou no centro da civilização europeia...

MANDA-VIR

A propósito de Civilização, vou mostrar-te o esplêndido "magazine" do mesmo nome...

TANGO DA CIVILIZAÇÃO

Se quer, sem que se arruine,
passar contente o verão,
leia o Magazine «Civilização»
obra louçan
do primeiro
dos nossos Cam-
pos Monteiro!

(O Côro dos Números já publicados repete o «refrain», e sai em passo de «girls»).

COMPÈRE (depois da música)

Vou assinar esta magnífica publicação à venda em tôdas as livrarias e quiosques...

MANDA-VIR

Fazes bem. Mas, a propósito de quiosques, repare naqueles que ali veem: os Meninos de Ouro.

BAILADO DOS MENINOS NUS E CÔRO ORFEÓNICO DE SÁTIROS

(Como o Côro é «boca chiusa» não publicamos a respectiva letra).

COMPÈRE (depois de música)

Isto sim! Isto é que é uma verdadeira obra-prima!

MANDA-VIR

A propósito da prima: aí tens as Primas e os Primos Modernos.

DUETO DO PAPO-SÊCO E DA CINÉFILA

Veja lá
o que tem
a dizer,
dêste pá,
Papo-Sê-
co a valer!

PAPO-SÊCO

Quando, Roxane, te lobrigo
na aorta sinto intenso ardor!

CINÉFILA

Pois eu quisera, ó Ruy, contigo
sincronizar um louco amor!

ENSEMBLE

Plim! Plim! Plim!
Ai como é bom filmar assim!

(Compère e Manda Vir repetem o estribilho. Cai um pano telão com a letra do dueto, e a «claque» obriga a plateia e a orquestra a repetirem o número trinta-e-duas vezes).

COMPÈRE (depois de música)

Ah! Ah! Ah!

MANDA-VIR

As tuas gargalhadas, imbecil, de-
pressa se transformarão em copioso
pranto!

Repara para aquele que ali vem —
e guarda o riso! (Entra uma person-
agem esfarrapada e suja, arrimada a
um bordão).

COMPÈRE (guardando o riso)

Oh!

A PERSONAGEM SUJA

Eu sou a Morte, ó sim! emancipada e suja!
Que venha a Fome e a Dor! Que no meu peito ruja
o micróbio subtil da pavorosa traça
que as vísceras destrói e, após, sorrindo, passa!
Manda vir meio-bife e uma língua panada,
e ver-me-hás comer pó, terra, cinza e nada,
cuspindo uma ironia e rouquejando um viva,
— viva que se faz Dor, Dor que se faz saliva!

(aplausos delirantes da galeria e
geral. Nos camarotes, as senhoras his-
téricas rangem os dentes)

Mendigo? E que m'importa! O meu lar não tem pão?
Esófagos, tremei! Avinça, Sebastião!

Trémulo na orquestra. A claque uiva
imprecações entusiásticas, escurece a
cena, e

APOTEOSE

Frei-SATAN.

CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: — Companhia Lucília
Simões-Eurico Braga — A Pérola da China.

Rivoli: — Companhia António Macedo
— A Menina do Côro.

Aguia d'Ouro: — Cinema: Trader
Horn — Matinée e noite.

Olimpia: — Cinema: O Pai celibatário
— Alma da Festa — Matinée e noite.

Trindade: — Cinema: Partir — Mati-
née e noite.

Batalha: — Cinema: O Mistério da
Casa forte.

Biblioteca do lar

Romances para as mães e para os filhos

Henri Ardel

Fogo Mal Extinto (2.^a edição).
É preciso casar João! (2.^a edição).
A Alvorada (2.^a edição).
Uma Aventura Imprudente (2.^a edição).
A Divina Canção (2.^a edição).
A Noite Desce (2.^a edição).
O Caminho em Declive.
Azul e Branco (3.^a edição).

Jean Thiéry

O Canto do Cuco.
O Romance dum Solteirão.
Corações Maguados.
Vítimas.

M. Delly

Uma Mulher Sedutora (3.^a edição).
Por trás da Máscara (2.^a edição).
O Tesouro Sagrado (2.^a edição).

Paul Bourget

O Fantasma.
Hilda Campbell.

B. Jeanroy

Dois Corações.

M. La Bruyère

Flor de Lis.

M. Damad

A Enteada.

Eduardo Noronha

Com os olhos na Pátria.
As Mulheres de Pernambuco.

António Zozaya

As Auroras.
Almas de Mulheres.

Georges de Peyrebrune

Dona Quichota.

Campol

Dois noivados.

Alberto Insúa

Coração Ludibriado.

Claude Saint-Jean

O Castelo dos Noivos.

Palácio Valdés

A Alegria do Capitão Ribot.
A Irmã de S. Sulpício.

Jean Rameau

Romance da Felicidade.

Pièrre de Caulevain

A Ilha Desconhecida.
No coração da Vida.

Mary Floran

Se Éle Soubera.

Branca da Silveira e Silva

A Herdeira.

Colecção de hoje

Biblioteca de romances da actualidade

Alberto Insúa

O Preto que tinha a Alma Branca (2.^a edição).
A Mulher que Precisa de Amor.
A Mulher que esgotou o Amor.
O Inimigo do Matrimónio.
O Prazer do Perigo.

Clément Vautel

Sua Reverendíssima entre os Ricos.
Sua Reverendíssima entre os Pobres.
Minha Mulher não quer Filhos.
Uma Menina sem Cerimónia.
O Amor à Parisiense.
Uma Mulher de Temperamento.
A Reabertura do Paraíso Terrestre.
Sou um Burguês Terrível.

Pierre Benoit

O Poço de Jacob.
A Calçada dos Gigantes.
Mademoiselle de la Ferté.
O Lago Salgado.

Palácio Valdés

Os «Majos» de Cadiz.
Maria e Maria.
Riverita.

A. Hernandez Catá

Os Sete Pecados.
O Bebedor de Lágrimas.

Fernandez Flores

As Sete Colunas.
O Segredo do Barba Azul.

José Francés

A Mulher de Ninguém.
O Filho da Noite.

Pedro Mata

Um Grito na Noite.
Corações sem Rumos.

Alfio Berreta

A Morte do Sonho.

Tomás Borrás

A Mulher de Sal.

Cada volume brochado, 10\$000 — Encadernado, 15\$00

Pedidos à EMPRESA CIVILIZAÇÃO — Rua do ALMADA, 107-2.º — PÓRTO

Visado pela Comissão de Censura